

visión 'saturnina' de Saer genera una fragmentación melancólica frente a la cual se define, sin embargo, la búsqueda a primera vista paradójica de una forma de expresión capaz de producir una sensación de 'dicha'. La irreductible inestabilidad que establece semejante 'exhibición oculta', sitúa la obra de Saer en el corazón de la estética posmoderna. De la misma manera, el concepto de 'melancolía', que desempeña una función central en esta interpretación, debe considerarse un rasgo propio de modernidad y posmodernidad, razón por la que ha atraído, recientemente, la atención crítica de autores de diversa procedencia como Dominick Lacapra, Giorgio Agamben, Alberto Moreiras, Idelber Avelar o Svetlana Boyrn. Sin embargo, Premat tampoco pasa por alto el aspecto 'contracorriente' de la obra de Saer, al comentar la tonalidad muy personal que le imprime una reintroducción del sujeto reñida con cierta concepción de esa misma posmodernidad.

Si bien, como él mismo admite en la 'autocrítica' que formula en el prólogo, podría haberse concentrado en un menor número de textos para obtener un resultado igual de convincente, Julio Premat ofrece en *La dicha de Saer* una visión de conjunto matizada, aclaradora y admirablemente bien escrita, sin apartarse de la especificidad literaria de su objeto de estudio.

Ilse Logie

Katja Gubmann: *Der Reality-Text. Brasilianische Großstadtliteratur im Zeitalter der technischen Bilder*. Frankfurt/M.: Vervuert (Bibliotheca Ibero-Americana, 83) 2002. 214 páginas.

A nova literatura da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo é tão realista e bru-

tal quanto aquela exibida nos meios de comunicação brasileiros. Nesta dissertação — *O texto reality. A literatura da cidade brasileira no tempo das imagens eletrônicas* —, que recebeu o prêmio "Ibero-america 2000" na Feira Internacional do Livro em Frankfurt, a autora propõe-se a relacionar as teorias da mídia com uma análise de textos literários. O livro contém três partes principais: "Literatura e os meios de comunicação", "Teoria" e "Análise de textos". Cada parte está dividida em subcapítulos e estes, por sua vez, estão novamente submetidos a outras subdivisões.

Na "Introdução" a autora faz um breve esboço da criminalidade nas megacidades brasileiras e fala das imagens das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, dos símbolos (Cristo Redentor e Pão de Açúcar e os arranha-céus), mas mais adiante realça que as descrições da cidade física já não tem importância nos novos romances das mega-cidades. Ao final da sua introdução, promete ao leitor que o livro terminará como uma boa telenovela, dando o desenlace no final do seu livro. Veremos se a autora pode cumprir com o que promete.

O capítulo "Literatura e os meios de comunicação" começa com os anos 60 e 70, onde a ditadura e a censura marcaram a cena literária e quando três formas de romances chegavam a seu auge: o romance fantástico, o romance memorialista e, sobretudo, o romance-reportagem. Gubmann insiste que, até agora, a crítica literária interessou-se mais pelas questões sócio-políticas destes textos. Ela, pelo contrário, perguntará pelo papel dos meios de comunicação na nova narrativa brasileira. Enquanto que até agora a literatura dessas décadas foi lida sobretudo pelas lentes da ditadura, ela quer vê-los pelas lentes dos meios de comunicação. Nos anos 80, o realismo feroz entra no dia-a-

dia da televisão brasileira e, com isso, a "espectacularização da sociedade brasileira" (pp. 33-34) também tem as suas consequências na literatura. Mas já não é possível distinguir entre literatura de massa, erudita e popular. Os gêneros estão se redefinindo e mesclando constantemente. Silvano Santiago fala de uma "arquitetura formal" (p. 43). Uma das características da pós-modernidade é justamente a dissolução das definições de gêneros. No subcapítulo sobre a "Pós-modernidade" Gubmann critica severamente alguns trabalhos onde, segundo ela, os textos foram analisados colocando-os num esquema pós-moderno. No subcapítulo "Os anos 80" encontra-se uma rubrica sobre a literatura urbana brasileira e também uma síntese das décadas anteriores — que aqui não combinam bem com o título do capítulo deixando o conteúdo um pouco fora do contexto.

O capítulo "Teoria" começa com uma descrição do cotidiano nos meios de comunicação do Brasil. Os exemplos que seguem para demonstrar a influência dos meios de comunicação no dia-a-dia e sua contribuição ao mesclar realidade e ficção não são somente do Brasil, mas também de outros países, alguns são universais. Somente no subcapítulo "Realidade e meios de comunicação de massa" a autora deixa explicitamente o Brasil e apresenta o sistema de comunicação de massa de Niklas Luhmann, o modelo de simulação de Jean Baudrillard e a telemática de Vilém Flusser. Outras teorias como a imagem da cidade de Vilém Flusser, a análise da cidade de Florian Rötzer e de Richard Sennett bem como a teoria cultural de Jesús Martín Barbero e de Néstor García Canclini são abordadas nos capítulos seguintes.

Na página 123 começa o capítulo "Análise de textos", no qual analisa oito textos de cinco autores em 60 páginas:

Fernando Bonassi: *Um céu de estrelas, 100 histórias colhidas na rua*; Sérgio Sant'Anna: *Amazônia, O monstro*; Patrícia Melo: *Acqua toffana, O matador*; Caio Fernando Abreu: *Onde andará Dulce Teixeira?*; Bernardo Carvalho: *Onze*. A análise de textos é feita por um esquema que se repete. Cada texto, exceto o último, é introduzido por uma citação de um dos teóricos anteriormente abordados. Depois de uma pequena síntese e uma eventual crítica o texto é analisado sob o prisma da citação, às vezes, o texto é quase moldado a ela. Assim verifica-se, por exemplo, na análise de *100 histórias colhidas na rua* de Bonassi, onde, sob o subcapítulo "Sígnos eletrônicos", compara os elementos do texto com a compressão de pixels (p. 133). Em todo o capítulo há poucas citações da literatura secundária, às vezes são mencionados apenas outros críticos literários. Já que muitos textos são jornalísticos, algumas das citações são de difícil acesso. Por isso, o leitor somente tem a dissertação e tem que confiar na sua pesquisa.

Não são feitas muitas comparações entre os textos aqui tratados e tampouco com outros textos *reality* da literatura brasileira e com à de outros países. Uma das poucas exceções é a comparação com a novela *Cidade de Deus* de Paulo Lins onde, segundo a autora, também se fala de "matadores" (p. 170). No capítulo "Fazit" —que mais é uma previsão que um resultado— a autora comunica aos leitores que os textos *reality* convidam para uma reconscientização e uma participação ativa dos leitores, que não há um desenvolvimento linear, porém servem-se dos mesmos métodos de construção da realidade tal como os meios eletrônicos (p. 190). Logo, a literatura lança-se intencionalmente na mesma confusão entre realidade e ficção como fazem os meios de comunicação. E do mesmo modo, tem reconhecido que a

realidade é um produto de consumo que se vende bem (p. 200).

De modo geral, a crítica às outras pesquisas, às vezes, é bastante severa e nem todas as promessas dadas na introdução puderam ser cumpridas. É dada uma visão teórica louvável que prova um enorme esforço investido. O trabalho é um interes-

sante compendio sobre a dependência de alguns textos literários dos meios de comunicação e da mídia. A autora, no entanto, no quadro de seu trabalho, deixa de lado que há também outras aproximações entre literatura e filme, entre realidade e ficção.

Sonja M. Steckbauer